

# Escutai as nossas derrotas

*Laurent Gaudé*

Tradução do francês de  
Maria Lúcia Lima

SEXTANTE EDITORA  
FICÇÃO



10  
ANOS

# Índice

I	Zurique	11
II	Argos	37
III	Erbil	57
IV	Beirute	75
V	Al-Jnah Street	93
VI	Cápua	117
VII	Genebra	129
VIII	Paris	145
IX	Adis Abeba	165
X	Zama	175
XI	A Cirenaica	185
XII	Libissa	199
XIII	Alexandria	213
XIV	Trípoli	221
XV	Canne della Battaglia	229

Para a Alexandra

*Quando de repente, à hora da meia-noite, se ouvir  
passar uma turba invisível  
com músicas requintadas, com vozes –  
a tua sorte que já cede, as tuas obras  
que falharam, os planos da tua vida  
que deram em equívoco, não os deploras em vão.  
Como preparado há muito, como corajoso,  
despede-te dela, da Alexandria que se vai embora.  
Sobretudo não te enganes, não digas que foi  
um sonho, que foram defraudados os teus ouvidos;  
tais esperanças vãs não te rebaixes a aceitar.  
Como preparado há muito, como corajoso,  
como convém a ti que mereceste tal cidade,  
aproxima-te resoluto da janela  
e ouve com emoção, mas não  
com as súplicas e as queixas dos cobardes,  
qual último deleite, os sons,  
os instrumentos requintados da turba oculta  
e despede-te dela, da Alexandria que perdes.*

KONSTANDINOS KAVAFIS

«Pois o deus abandona António»

Tradução de JOAQUIM MANUEL MAGALHÃES e  
NIKOS PRATSINIS, in *Os Poemas*, ed. Relógio d'Água

1

ZURIQUE

Tudo o que se vai depositando em nós ano após ano sem darmos conta – rostos que julgávamos esquecidos, sensações, ideias que juraríamos ter fixado definitivamente e que depois desaparecem, regressam, desaparecem outra vez, sinal de que para lá do consciente vive em nós qualquer coisa de que não nos apercebemos mas nos vai transformando, tudo isso que em nós se agita e avança, obscuro e subterrâneo, ano após ano, até um dia voltar à tona e quase nos assustar, porque se torna evidente que o tempo passou e não sabemos se será possível viver com tantas palavras, tantas experiências, que acabam por se tornar uma carga, como se diz da carga de um navio... Talvez seja a isso que chamam o saber da experiência: esse palimpsesto de tudo, céu de África, juramentos infantis, perseguições no bairro velho de Tânger, o rosto de Shaveen, a combatente curda de pesadas tranças pretas, tudo, os nomes usados, os encontros marcados, os homens abatidos e os protegidos... Mas isso é um saber? Não me parece. Esse sedimento instável não me torna mais clarividente. Também não me pesa, não, é outra coisa: chama-me. Sinto-me cada dia mais desafiado a explorar esse território interior. A multidão enraivecida na estrada entre Misrata e Sirte, o medo que tento controlar mas que me vai invadindo, o café branco de Beirute, o som inconfundível das armas pesadas nos subúrbios de Bengasi no meio de um exército rebelde em debandada, esses inúmeros momentos em que me julguei perdido, e em seguida a epifania exclusiva, estar vivo e mais ninguém o saber, não ter com quem partilhar

esse regozijo, tudo isso, e os aviões que rasgam o céu do Mali para irem bombardear as posições que acabo de lhes transmitir, o calor, os estranhos momentos de trânsito nos aeroportos, entre duas zonas de guerra, onde vagueio pelos *duty-free* sem poder comprar nada, como se esse universo de pacotes de cigarros sem IVA e garrafas de uísque em pirâmides já não fosse o meu. Tudo isso formou um mundo inteiro que vive, se agita, faz por vezes, a meio da noite, ressurgir uma imagem. Os garotos que brincam a fazer rebentar as balas encontradas na rua dos bairros xiitas de Beirute, a doçura de um fim de tarde nos jardins da residência do embaixador em Bamako, tudo isso me chama como se houvesse daqui em diante outro mundo possível, um mundo a explorar, a compreender, esse mundo que trago em mim. E é o que sinto hoje, enquanto vou seguindo ao longo do cais em direção a Bellevueplatz: há em mim qualquer coisa diferente a que não sei dar nome, que cresce e me corrói. Sei que ainda não se vê. Sei que daqui a umas horas, diante de Auguste, serei o homem que sempre fui: Assem Graïeb. Usarei de novo esse nome que não é o meu mas a que me habituei, Assem Graïeb, agente dos serviços especiais há mais de dez anos, Assem Graïeb, que os jovens recrutas, quando acontece cruzarmo-nos em Paris no Boulevard Mortier, por ocasião de alguma cerimónia oficial, olham com admiração, porque, embora não saibam exatamente o que fiz, conhecem a lista dos terrenos de operação para onde fui enviado – Afeganistão, Sahel, Líbia, Iraque – e isso basta para os impressionar. Assem Graïeb, a quem chamam entre eles «um perdigueiro», e têm razão, participei em tantas operações ao longo destes anos que me tornei um cão de caça, um assassino da República sempre na pista de novas presas. Para todos eles, é o que continuarei a ser, porque a seus olhos Assem Graïeb continua vivo, igual a si mesmo; mas eu, eu sei que está a crescer em mim qualquer coisa que me vai transformando e irá talvez rebentar um dia como uma enorme cratera interior – e quem sabe então o que farei...

\*

Quando me perguntou donde era e eu respondi «iraquiana», vi nos olhos dele que conhecia o meu país. A seguir fez um ar de surpresa e pronunciou uma daquelas frases que costumo ouvir quando digo a minha nacionalidade. «Não deve ser um tempo fácil para si...», mas ele disse-a justamente para a fazer parecer inócua. Senti-o. Há pouco, tinha lido nos seus olhos que ele conhecia o meu país e que a simples palavra «iraquiana» tinha bastado para o transportar até lá. Uma intuição. Mais tarde, à noitinha, estávamos ainda no bar, ele voltou ao assunto e perguntou: «De que parte do Iraque?» Respondi «Bagdade», e mais uma vez senti que a simples evocação do nome da minha cidade lha trazia à memória. Baixou mais a guarda. Ficou em silêncio por algum tempo. E eu não disse nada. Depois ele sorriu com doçura e eu soube que iríamos subir para o seu quarto, soube que iríamos fazer amor. Não só por causa de Bagdade mas porque ele aceitava deixar de fingir que não sabia do que eu falava, e não me fez aquela pergunta que ouço tantas vezes, «E vais voltar para lá?». Não, tinha-se apenas demorado a ver as imagens da cidade que tinha em si e tinha sabido esperar. Soube desde que o vi que era militar, ou coisa no género. Disse-lho. Ali no bar. Antes de ele me ter pegado delicadamente na mão, como um estudantinho de liceu que quer sair do banco do jardim com a namorada para procurar um local mais discreto. Naquela sala de onde se via o rio Limmatt correr, e onde já só estávamos nós, eu perguntei: «Militar, não é?». Ele riu-se. Não negou. Disse mesmo: «Nota-se assim tanto?», e depois o que talvez fosse uma brincadeira: «Lá terei eu de mudar de profissão...». E eu entendi que ele aceitava, nessa noite, não esconder nada. Não lhe fiz perguntas a que ele não teria podido responder. Ele sorriu quando eu disse «militar». Demorou-se a pensar nas paisagens iraquianas que guarda em si quando eu disse

«Bagdade». Nunca mentiu. Por isso segui-o e subimos juntos. Tropecei, se bem me lembro, no corredor do terceiro andar. A alcatifa espessa abafou o ruído mas começámos a rir. Eu tinha bebido muito, e ele também. Tive de tapar a boca com a mão. Na outra mão tinha um dos meus sapatos. Eu mancava e ele ria-se. Tinha-me passado o braço pela cintura, e gostei de o sentir. Não sei há quanto tempo encontro homens nos bares dos hotéis. Em Paris. Em Genebra. Em Nova Iorque. Não foi ele o primeiro, comecei depois da partida de Marwan. Há quem às vezes se admire, por eu ser iraquiana. Como se isso anulasse o desejo do corpo e a «desesperada ânsia de amar». Marwan gostava muito de citar Éluard. Foi uma das coisas que aprendi com ele. E o prazer do sexo, também, talvez... Lembro-me de quando fazíamos amor em Alexandria, naquele apartamento frente ao mar que ele tinha alugado, da ânsia de aproveitarmos essas horas que ele roubava à sua vida, à sua mulher, ao Cairo, ao museu... Marwan que era um pouco meu, só meu, umas horas por mês, o que somava talvez alguns dias por ano... Amei esses instantes. Julgava-me livre. A poesia, o amor e as refeições desencontradas na rua, numa esplanada do porto, à hora a que os outros fazem a sesta ou bebem um café. Amei tudo isso. A seguir era a solidão, sempre. E a espera. Até ele me deixar. Fiquei surpreendida, sempre tinha pensado que seria eu a deixá-lo... Lembro-me bem desse dia: ele tinha chegado atrasado, de sobrolhos franzidos. Não percebi logo que não ia haver gestos de carinho nem passeios de namorados, apenas uma troca de palavras seca, breve, porque Marwan tinha vindo, desta vez, para se despedir. Foi depois disso, sim, foi por isso que comecei a dizer que sim aos homens nos hotéis.

O ar está fresco e revigorante. Devia estugar o passo, como tantas vezes fiz em ocasiões semelhantes. Vou encontrar-me com Auguste, o meu coordenador. Vai encarregar-me de uma

nova missão. Tudo vai recomeçar. Vou ser Assem Graïeb ou um outro. Um francês de origem argelina, ou tunisina, ou libanesa. Mil vidas, umas atrás das outras, e o perigo, sempre, a dar-lhes sabor. Mas vou devagar, e o que me ocupa o espírito neste momento são os gritinhos nervosos que ontem tentava em vão conter o jogador de xadrez do Lindenhof. Porque estarei a pensar nele? Não sei. Ontem estive muito tempo a vê-lo, mais de uma hora. Deixei-me ficar sentado num banco, diante dos dois grandes tabuleiros de xadrez que o município de Zurique instalou nesse jardim sobranceiro à cidade e donde se vê, como já os soldados romanos viram, correr o Limmat. Fiquei a olhar para o homem que dava corridinhas de um lado para o outro, a conter a sua loucura para poder jogar, não perder o fio da partida. Fiquei muito tempo e acabei por ouvir-lhe o nome pronunciado pelos seus adversários sucessivos, que foram muitos, estudantes, notáveis, reformados, que acabavam por deixar o seu lugar, despeitados por terem perdido tão depressa: Ferrucio, der Verrückte. Ferrucio, o Doido. Durante horas, sim, horas, hipnotizado, estudei-lhe o gesticular dos ombros, os trejeitos da boca, o tique de erguer as sobrancelhas e dobrar-se de repente como se tivesse recebido um golpe inesperado no baixo-ventre. Era doido, sim, não parava no seu lugar, às voltas no quadriculado do chão ou a correr as mãos pelas grandes peças de madeira que lhe chegavam aos joelhos, como se passasse em revista um exército vivo. É Ferrucio que ouço enquanto ando. E penso também no quarto de hotel que deixei há pouco atrás de mim, banhado por uma clara luz matinal, com a cama de lençóis amarrotados, esse quarto de que ela já tinha saído. E só agora, à beira do Limmat, perto da última ponte antes do lago, me lembro de ter marcado encontro com ela aqui perto, em Bellevueplatz, o local onde Auguste me espera para me apresentar a um homem dos serviços secretos americanos, e não consigo perceber por que razão marquei esse encontro. Ferrucio, na minha mente, continua a correr de um

lado para o outro, a girar sobre si, a comer as peças do adversário e a soltar pequenos gritos agudos, sem que se perceba o que receia mais, a derrota ou a solidão que se segue à vitória, quando o catedrático ou o estudante, despeitado como os precedentes, faz um gesto de desistência a reconhecer a sua superioridade e se retira, deixando-o invicto mas solitário. Joga bem, muito bem. É rápido e clarividente, mas tem sempre no rosto uma ansiedade que lhe contorce as feições, como se estivesse desconsolado por ganhar: dir-se-ia que deseja que alguém o vença enfim para acalmar os tiques que o consomem e calar o estrépito interior que ele tenta conter. A menos que esteja à espera de uma partida que não acabe nunca, alguma coisa que o absorva por inteiro, porque então finalmente o mundo desapareceria e ele ficaria aliviado, ele, o doido. Só ficariam as peças do jogo, as diagonais, os lances premeditados, as armadilhas, os sacrifícios, a inteligência pura, e Ferrucio der Verrückte, o homem que joga de camisa escancarada, às vezes de torso nu, que tem uma barba hirsuta, fala sozinho e se insulta a si mesmo, deixaria de existir. Ficaria apenas a intensidade dessa coreografia que se constrói a duas mãos, que já nada tem que ver com um combate mas sim com a busca de uma forma de perfeição, como uma descoberta científica: a partida infinita, aquela para que o jogo foi criado. Penso de novo em Mariam que conheci ontem, na noite que passámos juntos, no acordo tácito de que nenhum perguntaria ao outro quem era realmente, o que fazia e que vida era a sua, contentando-nos ambos com os nossos primeiros nomes, Assem e Mariam, e com os nossos corpos. Por que razão combinei um encontro para esta manhã? Lembro-me da sua espessa cabeleira negra, lisa, que brilhava na penumbra. Lembro-me da sua boca gulosa, a falar quando estávamos no bar e depois, mais tarde, a entreabrir-se com volúpia, deixando escapar, nesse quarto que dava sobre as águas calmas do rio, um suspiro de êxtase – um momento puro que redimia tudo, os erros, os cansaços. Os lábios entreabertos

para deixar passar o suspiro feliz, instintivo, do prazer do corpo e da entrega do espírito. E sobretudo lembro-me agora desse meu sentimento novo, estranho, a que sou obrigado a chamar timidez. Teria ela visto essa hesitação na altura de me despir? Pareceu-me que não. Ou antes, que a aceitava: que via no meu corpo os golpes, as cicatrizes, mas isso não a surpreendia. Aceitava. Entendia, como entendia as dúvidas e os cansaços do espírito. Aproximámo-nos um do outro sem embaraço, mas com cortesia. E foi talvez isso, no fundo, que me levou a marcar-lhe um encontro esta manhã. Não vejo outra razão. E Ferruccio, o doido da praça das Tílias, ri-se de mim porque foi o único a adivinhar que qualquer coisa ia nascer e me ia afastar muito das terras para onde a França me envia há dez anos, a matar ou a proteger homens sem que eu alguma vez soubesse se tínhamos ganho ou perdido porque é sempre preciso recomeçar, há sempre novos terrenos de ação e novos inimigos a abater, novas zonas de influência a defender ou novos pontos estratégicos a controlar, e Ferruccio ri-se porque ele sabe que é quando a sombra desce, quando o último adversário foi derrotado, é então que começa o pior, porque é o momento em que temos de aceitar retornar às nossas obsessões e aos nossos tormentos.

Ouve ao longe o som do helicóptero sem saber dizer se vem do lado das montanhas ou do fundo da sua memória. A batida das pás aumenta até cobrir tudo. O ar fustiga-lhe o rosto. Pensa, nesse instante, em todos os helicópteros que apanhou, todos os voos, de dia, de noite... Ouve este a aproximar-se e pouco importa que não consiga abrir os olhos, sabe que a sua chegada afastará dele o perigo, as pedradas, que o aparelho o cobrirá com a sua sombra protetora. E se não chegar até ele? E se chegar tarde demais, se for obrigado a voltar para trás, sem poder pousar nesta terra hostil, desenhando uma grande curva no céu e voltando às alturas? Também pouco importa.

A simples ideia de que o helicóptero veio, que um aparelho foi enviado para o resgatar, reconforta-o e enche-o de paz. Pensa em todos os helicópteros de que saiu num salto noturno, sobre colinas de países distantes, diante de casas que iam violar, ele e os seus companheiros, arrombando portas, afastando à força as mulheres estremunhadas que gritavam de susto, insensíveis a tudo o que os rodeava, rostos, gritos, súplicas, procurando na noite um homem que acabava sempre por ser encontrado, em todas as muitas vezes em que foi ele a mão armada. Lembra-se de todos esses voos noturnos em que era uma ave de rapina silenciosa, de visão binocular, caindo a pique sobre vidas que não o esperavam e desaparecendo antes que alguém pudesse realmente reagir. Apanhou tantos helicópteros. E ouve este sem conseguir saber se está a aproximar-se ou não, até ouvir uma voz, «Sullivan...?», que repete continuamente o seu nome, «Sullivan...?», e que acrescenta frases que ele conhece por tê-las pronunciado noutras terras, noutros momentos, quando era ele que ia em socorro de camaradas abatidos, as frases que incitam a resistir, porque tudo vai correr bem, vão levá-lo para casa, essas frases que sublinham a necessidade de se aguentar, se agarrar... Mas a que queria ele agarrar-se? «Sullivan...?». Esse nome, sempre, que lhe atiram, como se não quisessem deixá-lo fechar os olhos, como se não tivesse o direito de desistir. «Sullivan...?», e ele acaba por responder «sim», não com a boca, que isso não consegue, não de modo articulado e audível, não tem forças para tanto, mas diz «sim» mentalmente e logo se arrepende, como se tivesse cedido à facilidade, como se não tivesse estado à altura desse instante em que poderia ter ficado nessa aldeia em chamas e lá morrer, mas é tarde demais, dentro de si disse «sim», e há braços que pegam nele, o levantam, o levam até ao helicóptero que promete, com o barulho surdo do motor e a força das suas pás, exfiltrá-lo desse lugar que deveria ter sido o seu túmulo.

\*

No hotel Zum Storchen, com esse homem que me disse chamar-se Assem, foi diferente. A meio da noite acordei. Sentia-me bem. Deixei-me envolver pelo aconchego do quarto. Julgava que ele dormia a meu lado. Enganava-me. Ele deve ter sentido pelo movimento do meu corpo que eu tinha acordado. Sem se mexer, a meia-voz, pediu-me para lhe falar do meu trabalho, para lhe contar uma história de arqueólogos. Pensei em Auguste Mariette, Mariette Paxá. Provavelmente por causa da estatueta de Bès. Já teria decidido nesse momento que destino ia dar-lhe? Não creio. Mas Mariette Paxá entrou no quarto e senti que Assem escutava com avidez. Contei-lhe daquele dia, em Abido, em que o professor francês mandou os trabalhadores escavar num ponto exato do deserto uniforme. Contei como os homens obedeceram maquinalmente e ficaram siderados ao encontrar material arqueológico. Contei-lhe, nessa noite calma, feliz como uma trégua inesperada nas nossas vidas, que alguém perguntou a Mariette como tinha ele sabido que era ali. E Mariette respondeu: «Eu sabia, porque tenho três mil anos...» Assem ouviu e não se riu. Habitualmente, quando conto este episódio, as pessoas riem-se, acham que era uma piada. Ele não. Não se riu porque ele é como eu: sabe que era verdade. Perguntou-me quem era Mariette Paxá, e eu contei-lhe um pouco da história desse pioneiro, criador da arqueologia moderna. Falei da descoberta do Serapeu. «O que é o Serapeu?» Expliquei que era um túmulo para os touros Apis. Ele ficou intrigado. «Os touros Apis...?» E então dei mais pormenores, os sacerdotes que escolhiam um touro sagrado, todo preto, com um triângulo branco invertido na testa. Falei da longa procissão do animal pelo Nilo e das margens onde se prosternavam homens vindos de todos os lados. Contei como, por morte de um touro Apis, havia setenta dias de luto, o animal era embalsamado e sepultado nesse templo onde todos os touros se sucediam, geração após geração, e os sacerdotes partiam em busca da reencarnação do morto. «Tudo isso por um touro?» perguntou ele, admirado. Sim. E Mariette Paxá

descobriu esse lugar. O primeiro. Sem saber ainda que a partir daí a sua vida não voltaria a ser a mesma e que ele ficaria ligado para sempre ao Egito, ele, o pequeno bolonhês que acabaria paxá, simbolicamente enterrado no museu de Bulaq. A dificuldade das prospeções. A longa espera pelo firmão, o decreto real que autorizava as escavações, e finalmente o dia em que abriram a porta posta a descoberto na areia. Contei-lhe da coluna de vapor azul que saiu pela porta aberta, «como da boca de um vulcão», escreveu Mariette. Durante quatro horas, o túmulo expeliu esse ar aprisionado há séculos. Vi Assem fechar os olhos, imaginar o espetáculo. Mais adiante, na câmara mortuária, Mariette descobriu não apenas os sarcófagos dos touros mas também, no chão, uma pegada: o último sacerdote que saíra antes de fechar a porta. O desenho de um pé, fixado na poeira, imóvel há trinta séculos. E esse testemunho tão frágil, que o primeiro sopro de vento apagaria, tinha sobrevivido a tudo, às guerras, às fomes, ao declínio das civilizações, às convulsões do mundo. Contei-lhe isso. E percebi pela intensidade do seu silêncio que pensava como eu, que é uma descoberta extraordinária mas que ao mesmo tempo há no gesto de abrir essa porta, de deixar escapar-se o ar e perder-se a pegada, uma forma de violação que dá vontade de chorar. No fim, quando me calei, pensei que ele fosse ficar em silêncio, um tanto embaraçado, porque talvez eu tenha falado demais, porque era estranho evocar assim Mariette Paxá e os touros sagrados do Egito enquanto ali estávamos nus, lado a lado, mas não houve qualquer embaraço. Ele calou-se uns instantes, como que para deixar viver mais um pouco as imagens distantes das margens do Nilo, a multidão que se prostra por terra, o animal escolhido que entra no templo – e depois começou a falar. Pronunciou apenas um poema. Lembro-me. Foi nessa altura, creio, que eu soube o que ia fazer. Ele disse: «Corpo, lembra-te / não só do quanto foste amado / não só das camas onde te deitaste, / mas também daqueles desejos que para ti / brilhavam nos olhos abertamente / e tremiam na voz ...» Era a sua forma de

responder aos touros Apis, de por sua vez partilhar uma oferenda votiva. Acrescentou o nome do poeta: Kavafis. Comecei a chorar baixinho. Era como se ele tivesse adivinhado. Marwan. Alexandria. Era como se ele soubesse o mal que tenho em mim e a fadiga, por vezes, desta vida de luta. Foi então que comecei a chorar, e ele não tentou consolar-me, sabia que era melhor assim, que chorar me lavava de qualquer coisa de que eu não podia falar. «Corpo, lembra-te / não só do quanto foste amado ...». Soube então que ia amar aquele homem, soube que ele me dava as palavras de Kavafis, pressentindo – não sei por que clarividência – que elas me fariam bem, e soube que seria a ele que eu ia dar a efigie de Bès que guardo há tanto tempo em segredo, porque acabava de encontrar alguém que, como eu, tinha três mil anos.

Será possível que tenha sido a 12 de abril de 1861, às 4h30 da manhã, o momento da sua ressurreição? Será possível que quando o jovem Beauregard, general dos exércitos da Confederação sulista, deu ordem à sua artilharia para disparar sobre Fort Sumter, onde Robert Anderson se tinha entrincheirado com os seus soldados da União, esse momento exato, semente de tantos mortos, embora ninguém morra nas trinta e quatro horas que vão seguir-se, trinta e quatro horas de fogo cerrado para reduzir o forte a escombros, trinta e quatro horas para que o Sul grite a sua secessão profunda, jubilosa, esse momento de emancipação e de desafio, incarnado no face-a-face entre o jovem Beauregard e o seu antigo professor de West Point, Robert Anderson, que, alguns anos antes, tinha ficado tão impressionado com o talento do jovem sulista que lhe oferecera o lugar de seu assistente... Será possível que esse momento de fogo, em que a pedra explode nessa grande erupção de prazer, seja para ele, Ulysses S. Grant, o momento da ressurreição? Sente que sim. Lê e relê o artigo do pequeno jornal do Illinois que o pai

deixou em cima da mesa, com esse cheiro demasiado forte a peles curtidas, e percebe que lhe é oferecida uma oportunidade. Trinta e quatro horas de tiros e por fim a bandeira branca içada por Anderson, o sorriso do jovem Beaumont e as aclamações de toda a população do Sul. Fort Sumter caiu. E o Mississippi, a Louisiana, a Carolina do Sul dançam o seu escárnio. Esse Lincoln há pouco eleito e que ninguém conhece não será o seu presidente. O Norte que fique com ele, e bom proveito! Ulysses Grant lê e relê o artigo apenas para melhor sentir a bofetada. Porque foi isso que Beauregard fez com os seus artilheiros: esbofeteou Lincoln e com ele toda a União. Uma bofetada no velho general Scott, herói da guerra mexicano-americana, e em todos os ianques. Grant tem sede. Precisa de um trago. Embora sejam dez horas da manhã. Isso nunca o impediu de beber. Até cair, sim. Não aguenta o álcool, nunca o aguentou. Mas não será exatamente por isso que um homem bebe? Para rebentar à força de uísque. Queria muito, agora, beber um copo ou dois, para que as mãos lhe parassem de tremer, para aliviar o ferro em brasa da humilhação. Mas sabe que não vai beber. Porque foi libertado pelos artilheiros de Beauregard. Um destroço. Foi o que ele foi até agora. Um homem de mil vidas falhadas. O álcool obrigou-o a deixar o exército. Que podia ele fazer? Manter-se num posto isolado do norte da Califórnia onde os dias pareciam divertir-se a torturá-lo com a sua lentidão, onde nada tinha para se ocupar senão contemplar a passagem das nuvens no céu e beber, lembrando-se do medo sentido em Molino del Rey? Bem tentou. Sete vidas. Agricultor. Cobrador de impostos. Vendedor de lenha por atacado. Um farrapo. Não aguentava. Mais valia beber. Sempre pensou que era essa a sua condenação: o ódio de si mesmo, o espetáculo sempre presente da sua mediocridade, a vergonha diante do olhar da mulher que pensa que terá de criar sozinha os quatro filhos, e que ele ama pela sua resiliência, mas esse amor não basta para o afastar da bebida. Só os obuses de Fort Sumter têm esse poder. Percebe-o

imediatamente. Esperou tanto tempo. Como é doce... Nunca houve bofetada tão bem-vinda. Relê mais uma vez o jornal até o sangue lhe subir ao rosto. Tenta imaginar Robert Anderson, de cabeça baixa, saindo dos escombros com os seus homens, e os rugidos de alegria sulista que ecoam e fazem Beauregard sorrir de satisfação. Isso, sim, isso é forte bastante para o impedir de beber. Isso, sente, pode fazê-lo esquecer a fábrica de curtumes do pai onde voltou a trabalhar por não arranjar melhor, os dias de depressão, as recordações penosas de Chapultepec. Vai ser de novo um militar, e ainda bem, porque talvez nunca seja realmente ele senão em uniforme. Até no nome, que o exército modificou por lapso: Ulysses S. Grant, que prefere ao seu nome verdadeiro, Hiram Ulysses Grant, porque esse é o nome das suas vidas falhadas, das profissões em que não ganhou um cêntimo, o nome da garrafa tombada ao lado da cadeira em que adormeceu, é o nome do olhar da mulher, não de censura mas de tristeza, é o nome de uma vida que o desgasta... portanto, sim, prefere ser Ulysses S. Grant para sempre. E que Beauregard vá sorrindo, lá onde quer que esteja. Que Jefferson Davis faça as declarações que quiser, que a Virgínia continue a hesitar e por fim alinhe no campo dos secessionistas. Tanto melhor, as bofetadas despertam-no. Só a cólera o pode redimir do tédio. E sente que a queda de Fort Sumter é a sua oportunidade, uma daquelas que só aparecem uma vez na vida, e que vai salvá-lo do desastre.

Hoje tem de se resolver a morrer. E, no entanto, é tudo tão belo... O seu exército ocupa a colina sobranceira à planície de Mai Ceu. É uma multidão imensa, comandada pelos príncipes da Etiópia, todos, como ele, descendentes dos heróis de Adua, os gloriosos combatentes que outrora venceram a Itália: Menelik II, Taytu Neytul, Mengesha Yohannes... Não há guerreiro que não pense o mesmo enquanto se acotovelam nessa coorte multicolor. Invocam os espíritos dos seus avós,

esperam ser tão valorosos como eles. Batem no peito, encorajam-se, tranças de guerra, barbas hirsutas. Cobriram-se de joias. Avançam, vestidos de cores vivas. Nenhum usa uniforme. Estão armados de ferro, de poucas espingardas, de facas. Deixam subir em si a cólera da guerra e ainda têm esperança de que hoje seja a sua grande vitória. Hailé Selassié contempla as ondas de homens que continuam a chegar. Há meses que tudo converge para este lugar e este dia. É como se as suas ações desde o princípio da guerra tivessem tido por único objetivo chegar a esta batalha. Foi para chegar a este momento que às 11 horas de 3 de outubro passado lançou o *kitet*, o apelo à mobilização geral, na escadaria do seu palácio, e que por todo o país os tambores rufaram a anunciar a guerra. Foi para chegar aqui que um mar denso, espontâneo, de guerreiros de todas as idades, avançou para Adis Abeba. Desde a primeira investida dos italianos, em Walwal, era já esta grande batalha final que se preparava. Mussolini quer a sua desforra. Enviou para África um corpo expedicionário sob o comando do marechal Badoglio com a missão exclusiva de lavar a afronta de Adua e reocupar a Etiópia. Hoje chegou o momento. A multidão dos seus guerreiros estende-se à sua frente. Só esperam o seu sinal para se precipitarem sobre a planície a devorar o inimigo. Ele mantém-se muito direito, entre Ras Desta e Ras Kassa. Calmo. Mede toda a cena com os olhos. Em breve virão o tumulto e o choque. E logo o sangue. Repete para si mesmo uma última vez esse nome, Mai Ceu. Não fala com os que o rodeiam, porque não pode dizer a ninguém o que pensa: que vieram aqui, a Mai Ceu, para aqui morrerem.

Sentei-me na Bellevueplatz, no banco corrido por baixo da pala de cimento do pavilhão que abriga quem espera o seu transporte quotidiano em dias de chuva ou quem, como eu, quer parar ali e contemplar o bulício da rua. Bebo devagar o café que trouxe do bar ao lado da bilheteira. Os autocarros

cruzam-se, param, voltam a partir, o 5, o 7... Passam no seu deslizar contínuo. Os que dão a volta ao lago, os que atravessam a ponte... Homens e mulheres que descem. A cidade fervilha. Cada um tem a sua vida: fazer compras, ir buscar os filhos, encontrar-se com um amigo... Já quase não faço parte desse mundo. Para onde vão eles todos, com esse ar decidido? Conseguem acreditar nessa vida, habitá-la plenamente? Eu sinto que há qualquer coisa em mim a afastar-me dela. Uma sensação ténue, quase impercetível, mas insistente. Sei que devia estar a pensar no meu encontro com Auguste, concentrar-me nisso, mas não consigo. Daqui a pouco ele vai dizer-me para onde vou partir. Beberemos tranquilamente um *ristretto* e Auguste passar-me-á um certo numero de informações. Não consigo pensar nisso. Revejo o cabelo espesso de Mariam a brilhar na noite. Revejo os seus ombros nus e a ternura das suas mãos. Continuo a deixar passar os carros. O café arrefece aos poucos no pequeno copo de cartão. Será um sinal de envelhecimento essa fissura impercetível que me separa das coisas, que me faz menos alerta, menos rápido, e me leva cada vez mais a ver o mundo como um palco de teatro? Terei marcado um encontro a essa mulher apenas para manter a possibilidade de acontecer alguma coisa antes do meu encontro com Auguste, antes que a República Francesa me chame de novo e me confie um novo nome, uma missão, um terreno de operações? Será isso que quero? Retardar o momento em que um homem que é meu superior, que conheço há anos mas que continuo a tratar por esse nome, Auguste, embora sabendo muito bem que não se chama assim, me dará um envelope contendo, como todos contêm há dez anos, bilhetes de avião, um contacto numa cidade distante e instruções específicas? Pergunto-me se era isso que esperava esta noite, quando disse a Mariam que estaria na Bellevueplatz às 10 horas: escapar àquilo que sou.

\*